

DACRE STOKER
& J.D. BARKER

Dracul

A ORIGEM DE UM MONSTRO

Tradução
Marcia Blasques

Copyright © Dacre Stocker e J.D. Barker, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *Dracul*

Preparação: Maitê Zickur

Revisão: Amanda Zampreri e Karina Barbosa dos Santos

Diagramação: Anna Yue

Capa: Filipa Pinto e Eduardo Foresti

Ilustração de capa: Filipa Pinto

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Stoker, Dacre

Dracul : a origem de um monstro / Dacre Stoker & J.D. Barker ;
tradução de Marcia Blasques . – São Paulo : Planeta, 2018.
432 p.

ISBN: 978-85-422-1435-2

Título original: *Dracul*

1. Ficção norte-americana 2. Stoker, Bram, 1847-1912--Ficção 3. Vampiros -
Ficção I. Título II. Barker, J. D. III. Blasques, Marcia

18-1481

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

*Para todos aqueles que sabem
que monstros são reais.*

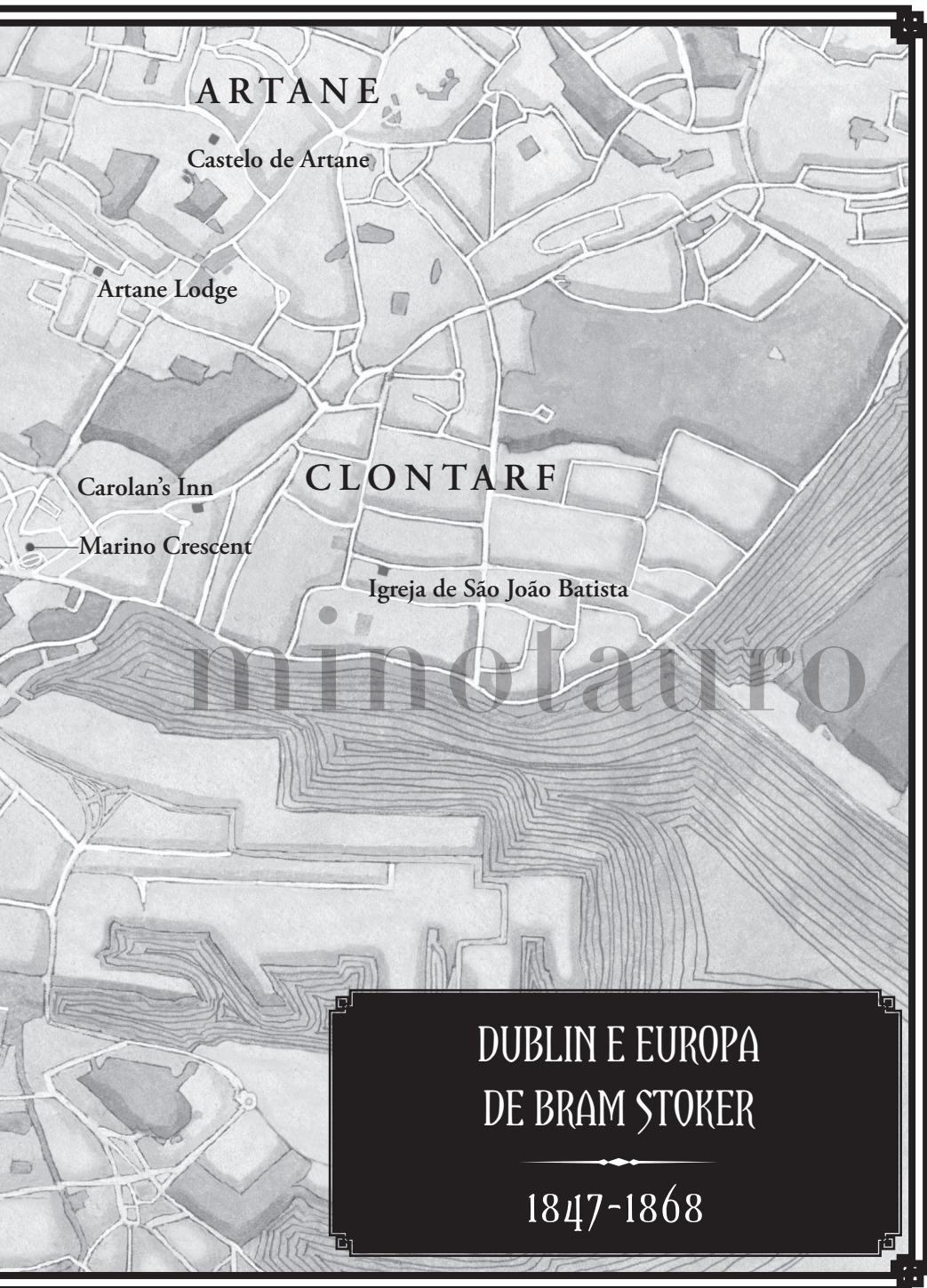
minotauro

minotauro

A maneira como esses papéis foram colocados em sequência se tornará clara durante a leitura. Todos os assuntos desnecessários foram eliminados, para que a história se apresente como um simples fato. Coletei e organizei esses documentos dos envolvidos com seu consentimento e desejo de partilhar o ocorrido – um tempo sombrio e formidável. Intercalei-os com minha narrativa para criar um todo.

Tire disso o que desejar.





ARTANE

Castelo de Artane

Artane Lodge

Carolan's Inn

Marino Crescent

CLONTARF

Igreja de São João Batista

minotauro

DUBLIN E EUROPA
DE BRAM STOKER

1847-1868

minotauro

PARTE 1

Estou bem convencido de que, sem sombra de dúvidas, os acontecimentos aqui descritos realmente ocorreram, por mais inacreditáveis e incompreensíveis que possam parecer à primeira vista.

Bram Stoker, *Drácula*

Do prefácio original recém-descoberto, excluído antes da publicação.

Ouvi uma risada estranha, estridente, como o som de um sino de cristal – era a voz dela. Ainda estremeço ao lembrar; aquela voz não tinha nada de humana.

Bram Stoker, *Makt Myrkranna*

Agora

Bram encara a porta.

O suor escorre pela testa enrugada. Ele passa os dedos pelos cabelos úmidos, as têmporas latejando de dor.

Há quanto tempo está acordado? Dois dias? Três? Não sabe. Cada hora se funde na seguinte, como em um sonho febril do qual não é possível despertar. Apenas o sono, mais profundo, mais sombrio...

Não!

Nada de dormir.

Ele força os olhos a ficarem abertos. Arregala-os bem, impedindo um único piscar, pois cada piscada vem mais pesada do que a anterior. Não pode haver descanso. Nada de sono, nada de segurança, nada de família, nada de futuro, nada de amor, nada de...

A porta.

É preciso vigiar a porta.

Bram se levanta da cadeira, o único móvel no quarto. Os olhos estão fixos na pesada porta de carvalho. Ela se mexeu? Pensou tê-la visto se mover, mas não há som algum. Nem o mais leve dos ruídos trai o silêncio daquele lugar; só há a respiração dele e o tamborilar ansioso de seu pé contra o frio chão de pedra.

A maçaneta continua imóvel, as dobradiças ornamentais à vista, como provavelmente estavam há cem anos, a fechadura bem firme. Até chegar ali, Bram jamais havia visto uma fechadura daquelas, forjada em ferro e moldada no lugar. O mecanismo em si é parte da porta, preso com firmeza no meio, entre duas travas internas que saem à direita e à esquerda e se prendem aos batentes. A chave está em seu bolso, e ali permanecerá.

Os dedos de Bram se apertam ao redor da coronha de seu rifle Snider-Enfield Mark III, o dedo indicador brinca com a proteção do gatilho. Nas últimas horas, carregara a arma, puxara e soltara a trava da culatra mais vezes do que conseguira contar. Sua mão livre desliza pelo aço frio, garantindo que o ferrolho esteja na posição certa. Puxa a trava de segurança.

Desta vez ele vê: um ligeiro tremor na poeira da fenda entre a porta e o chão, uma lufada de ar, nada mais. Mesmo assim, um movimento.

Sem fazer nenhum ruído, Bram abaixa o rifle, encostando-o na cadeira.

Estende o braço até a cesta de palha à sua esquerda e pega uma rosa branca selvagem, uma das sete que resta.

A lamparina a óleo, única luz no aposento, tremeluz com seu movimento.

Com cuidado, ele se aproxima da porta.

A última rosa jaz amontoada e enrugada, as pétalas marrons e negras consumidas pela morte, o caule seco e grudento, com espinhos que parecem maiores agora do que quando a flor ainda tinha vida. O fedor de podridão aumenta; a rosa cheira a uma flor-cadáver.

Bram chuta a rosa antiga para longe com a ponta da bota e, gentilmente, coloca a nova flor em seu lugar, no chão perto da porta.

— Abençoe esta rosa, Pai, com Seu alento, Sua mão e todas as coisas sagradas. Envie Seus anjos para cuidar dela, e guie o toque deles para que mantenham todo mal a distância. Amém.

Do outro lado da porta vem um estrondo, o som de uma tonelada atinge o velho carvalho. A porta entorta, e Bram pula de volta para a cadeira. Sua mão apanha o rifle encostado e mira, enquanto ele se apoia em um joelho.

Então tudo fica em silêncio novamente.

Bram permanece imóvel, o rifle apontado para a porta até que o peso da arma faz sua mira vacilar. Ele abaixa o cano, os olhos varrem o quarto.

O que alguém pensaria se entrasse ali e testemunhasse tal visão?

Ele cobrira as paredes com espelhos, aproximadamente uma dúzia deles, de todos os formatos e tamanhos, todos os que tinha. Seu rosto cansado o encara de volta, centuplicado, enquanto sua imagem salta de um espelho para o outro. Bram tenta afastar o olhar, só para se pegar espiando mais uma vez o fundo de seus olhos em seu próprio reflexo, cada rosto marcado por linhas que pertencem a um homem muito mais velho do que seus vinte e dois anos.

Entre os espelhos, ele pregara crucifixos – quase cinquenta deles. Alguns têm a imagem de Cristo, enquanto outros não são mais do que galhos caídos amarrados e abençoados com suas próprias mãos. Ele continuou fazendo cruzeiros no chão, primeiro com um pedaço de giz, depois raspando diretamente na pedra com a ponta de sua faca de caça, até que nenhuma superfície permanecesse intocada. Não era possível saber se isso seria ou não suficiente, mas foi o que deu para fazer.

Ele não pode sair dali.

Provavelmente, nunca sairá dali.

Bram volta para a cadeira e se senta.

Lá fora, um mergulhão grasna quando a lua sai de trás das pesadas nuvens e depois volta a se esconder. Bram pega o relógio no bolso do casaco e pragueja: esqueceu de dar corda e os ponteiros pararam às 4h30. Guarda o relógio no bolso novamente.

Outra batida na porta, desta vez, mais alta do que a última.

A respiração de Bram se acalma e seus olhos se voltam para a porta, bem a tempo de ver a poeira dançando no chão e se acomodando novamente na pedra.

Por quanto tempo essa barreira aguentará a investida?

Bram não sabe. A porta é sólida, isso é certo, mas o ataque fica mais feroz a cada hora, a determinação daquela coisa em escapar cresce conforme o amanhecer se aproxima.

As pétalas da rosa já começaram a secar, muito mais rápido do que da última vez.

O que acontecerá com ele quando *aquilo* por fim arrebentar a porta? Bram pensa no rifle e na faca, e sabe que serão de pouca utilidade.

Avista o diário no chão, ao lado da cesta de rosas; deve ter caído de seu casaco. Bram pega o volume encadernado com couro, já bastante gasto, e passa o polegar pelas páginas antes de voltar para a cadeira, com um olho ainda na porta.

Ele tem pouco tempo.

Tirando um lápis do bolso dianteiro da camisa, abre em uma página em branco e começa a escrever, sob a luz trêmula da lamparina a óleo.

O diário de Bram Stoker

As peculiaridades de Ellen Crone. É por aí, claro, que eu deveria começar, já que essa história é dela tanto quanto minha, talvez até mais. Esta mulher, este monstro, este espectro, esta amiga, este... *ser*.

Ela sempre esteve ao nosso lado. Minhas irmãs e irmãos dirão o mesmo. Mas é aí que as investigações se enganam. Ela estava ali no início da minha vida, e sem dúvida estará no fim, assim como eu estava no dela. Essa foi, e sempre será, nossa dança.

Minha adorável babá Ellen.

Sempre me estendendo a mão, mesmo quando as pontas de suas unhas arrancavam sangue.

O início da minha vida, que coisa horrível que foi.

Desde minhas mais tenras lembranças, fui uma criança frágil, enferma e acamada, do nascimento até o sétimo ano de vida, quando a cura aconteceu. Falarei dessa cura por muito tempo, mas agora é importante que você entenda o estado no qual passei aqueles primeiros anos.

Nasci em 8 de novembro de 1847, filho de Abraham e Charlotte, em uma casa modesta localizada na Marino Crescent, nº 15, em Clontarf, Irlanda, uma pequena cidade litorânea localizada a cerca de seis quilômetros de Dublin. Rodeada por um parque a leste e com vista para o porto a oeste, nossa cidade ganhou fama por ser o lugar da Batalha de Clontarf, em 1014, na qual os exércitos de Brian Boru, o Grande Rei da Irlanda, derrotaram os vikings de Dublin e seus aliados, os irlandeses de Leinster. Essa batalha é lembrada como o fim das guerras entre a Irlanda e os vikings, um confronto sangrento marcado pela morte de milhares de guerreiros bem na costa para a qual meu pequeno quarto dava vista. Em anos mais recentes, Clontarf tornou-se o destino dos ricos irlandeses, um local de férias para aqueles que desejavam escapar das multidões de Dublin e desfrutar da pesca e dos passeios pelas nossas praias.

Eu romantizo Clontarf, embora, em 1847, a cidade fosse qualquer coisa menos romântica. Esse foi um período de fome e doença por toda a Irlanda, começado dois anos antes do meu nascimento, e que não encontrou alívio até 1854. A *Phytophthora infestans*, também conhecida como míldio-da-batateira, começou a devastar as plantações na década de 1840 e cresceu até se transformar em uma abominação que faria a Irlanda perder 25% de sua população, para a emigração ou para a morte. Quando eu era criança, essa tragédia chegou ao auge. A minha Ma e o meu Pa se mudaram um pouco mais para o interior em 1849, para escapar da fome, da doença e do crime. E esperavam que o ar fresco fosse benéfico para minha saúde debilitada, mas tudo o que isso trouxe foi mais isolamento; os sons do porto, procurados por meus ouvidos, ficando mais distantes. Para Pa, a caminhada diária até seu escritório, no Castelo de Dublin, só ficou maior, enquanto o mundo morria ao nosso redor, uma teia úmida de lamento envolvendo tudo o que restava.

Vi tudo isso acontecer do sótão no alto da nossa casa conhecida como Artane Lodge, não mais do que como espectador, baseando-me nos relatos da minha família para explicar tudo o que acontecia fora de nossas paredes. Eu via os mendigos que reviravam os canteiros de nabos e repolhos da vizinhança, roubavam ovos dos galinheiros, na esperança de matar a fome por mais uma noite. Via quando eles arrancavam roupas dos varais, ainda úmidas, a fim de vestir seus filhos. Apesar de tudo isso, quando podiam, meus pais e nossos vizinhos abriam suas casas e convidavam esses menos afortunados para uma refeição quente e os abrigavam contra a tempestade. Desde meu humilde nascimento, o lema da família Stoker, “O que quer que seja certo e honrado”, foi incutido em mim e guiava todos em nossa casa. Nunca estávamos bem, mas nossa família se saía melhor do que a maioria. No outono de 1854, Pa, um funcionário público, trabalhava no escritório do secretário-chefe no Castelo de Dublin, como fizera nos trinta e nove anos anteriores, tendo começado em 1815, com apenas dezesseis anos. Pa era substancialmente mais velho do que Ma, algo que nunca chamou minha atenção até eu me tornar adulto. O castelo era a residência do Lorde Tenente da Irlanda, e seu escritório cuidava de toda a correspondência entre as agências governamentais inglesas e suas contrapartes irlandesas. Pa passava o tempo catalogando essas correspondências, que iam desde assuntos mundanos do dia a dia do país até respostas oficiais a assuntos relacionados com pobreza, fome, doenças, epidemias, doenças do gado, hospitais e prisões, instabilidades

políticas e rebeliões. Se quisesse ignorar os problemas que incomodavam nosso tempo, não poderia: estava profundamente metido neles.

Ma fazia parte da Sociedade de Pesquisa Social e Estatística da Irlanda, como membro associado. Ela era uma força importante nas campanhas de alimentos e de ajuda humanitária em Dublin, ocupando um posto antes reservado apenas para homens. Nenhum dia se passava sem que ela estivesse regateando leite com um vizinho para trocar com outro vizinho por roupas. Seus esforços garantiram comida na mesa da nossa grande família e ajudaram a alimentar incontáveis outras que cruzaram nossa porta nesses tempos de necessidades. Ela manteve nossa família unida – como adulto, agora vejo isso, mas meu ser de sete anos testemunharia o contrário. Eu teria dito a você que ela me trancou em meu quarto, trocando minha felicidade pelo isolamento dos males do mundo, sem permitir que eu tivesse a mais leve exposição.

Nossa casa ficava na Malahide Road, uma rua pavimentada com pedras extraídas da pedreira perto de Rockfield Cottage. Eu ficava confinado no sótão, e as janelas pontiagudas eram minha única fuga. Mas eu podia ver muita coisa daquela altura: desde as fazendas ao nosso redor, até o porto distante, em um dia claro, e até mesmo a torre em ruínas do Castelo de Artane. Eu via o mundo se agitar ao meu redor, uma peça da qual eu era o único espectador, minha doença ditando minha presença ali.

O que me afligia, você se pergunta? Essa é uma questão sem resposta real, pois ninguém era capaz de dizer com certeza. O que quer que fosse, minha enfermidade me pegou logo após meu nascimento, com dedos desafortunados. Nos meus piores dias, atravessar o quarto era uma verdadeira façanha; o esforço me deixava sem fôlego, beirando a inconsciência. Uma simples conversa drenava a pouca energia que eu possuía; depois de falar algumas poucas frases, eu ficava pálido e gelado ao toque, enquanto o suor escorria por meus poros, e eu tremia quando a umidade do meu corpo encontrava o ar litorâneo. Por vezes, meu coração batia ferozmente no peito, irregular, como se o órgão procurasse o ritmo, mas não achasse. E as dores de cabeça: elas chegavam e ficavam, dia após dia, como um cinto apertado ao redor da minha cabeça pelas mãos lentas de um demônio.

Eu passava os dias e as noites em meu pequeno sótão, imaginando se o último anoitecer acabara de passar, ou se eu acordaria para ver outro amanhecer.

Eu não ficava completamente sozinho no sótão; havia mais dois quartos. Um pertencia à minha irmã, Matilda, com oito anos na época, e o

outro era ocupado por nossa babá, Ellen Crone. Ela dividia o quarto com o bebê Richard, meu irmão recém-nascido e sua responsabilidade principal.

O piso abaixo do meu abrigava o único banheiro interno da casa, assim como o quarto dos meus pais e um segundo quarto ocupado por meus outros dois irmãos, Thornley e Thomas, de nove e cinco anos, respectivamente.

No térreo ficava a cozinha, uma sala de estar e uma sala de jantar com uma mesa grande o bastante para acomodar todos os moradores da casa, ainda que Ellen Crone em geral preferisse fazer as refeições sozinha depois que nossos repastos chegavam ao fim. Havia um portão também, mas Ma me proibia de descer aquelas escadas; nosso carvão era estocado lá embaixo, e a exposição àquela poeira me deixaria de cama por uma semana.

Atrás de nossa casa havia um velho celeiro de pedra. Tínhamos três galinhas e um porco, todos cuidados por Matilda desde que ela tinha três anos de idade. No começo, ela dera nomes aos porcos, mas perto dos cinco anos percebeu que alguém trocava os maiores por menores, pelo menos duas vezes por ano. Quando fez seis anos, ela percebeu que aqueles mesmos porcos iam para o matadouro e acabavam em nossos pratos no jantar. Então ela parou de dar nomes a eles.

E tudo isso era observado por Ellen Crone.

minotauro

O diário de Bram Stoker

Por onde começar? Há tanto a dizer e tão pouco tempo para contar! Mas sei quando tudo mudou: no momento em que uma semana em particular se aproximava do fim, eu estaria curado, nossa querida babá Ellen teria partido e uma família estaria morta. Começou de modo bem inocente, com uma conversa entreouvida por alguém. Éramos apenas crianças – eu, com sete anos; Matilda, com oito – e, mesmo assim, aquele outono nunca seria esquecido. E começou com duas únicas palavras.

Outubro de 1854

— Enterrado vivo — Matilda disse mais uma vez, a voz baixa. — Foi o que ela disse. Eu ouvi de verdade.

Embora ela fosse um ano mais velha do que eu, passei muito das minhas horas desperto na companhia de Matilda, em particular quando estava confinado em meu quarto, como era o caso naquele dia. Estávamos parados na janela e Matilda apontava para o porto.

— Ma disse que o homem estava doente, e quando ele pediu ajuda, os homens responderam cavando um buraco e empurrando-o lá para dentro. Que tipo de pessoa faz algo assim? Como outros podem participar disso sem se sentirem culpados?

— Ma não falou uma coisa dessas — retruquei. Seguindo o dedo dela com os olhos, eu tentava ver através da névoa que subia da água.

— Ela falou. Se você perguntar, tenho certeza de que vai negar, mas ela contou para o Pa quando ele chegou em casa do trabalho, não tem nem vinte minutos. Eu vim até você no mesmo instante.

Tentei não sorrir, pois sabia que Matilda só inventava essas histórias para melhorar meu estado de ânimo, mas os cantos da minha boca subiram mesmo assim, e ela me bateu no ombro.

— Agora você está zombando de mim. — Ela franziu o cenho, dando as costas para a janela.

— Onde você disse que isso aconteceu?

Ela não respondeu. Em vez disso, ficou olhando a parede oposta.

— Matilda? Onde isso aconteceu?

Com um suspiro profundo, ela voltou a olhar para a janela.

— No cemitério atrás da Igreja de São João Batista. Ela disse que ele foi enterrado entre os túmulos dos suicidas.

— Túmulos dos suicidas?

Matilda ficou mais frustrada.

— Eu já falei disso antes; estão escondidos na extremidade leste do cemitério, logo depois da muralha, sempre sob a sombra. Qualquer um que tire a própria vida é enterrado ali, assim como ladrões, criminosos e afins. Há poucas placas ou criptas, a maior parte é apenas terra nua cobrindo centenas de tumbas sombrias. Também não é solo consagrado, então os enterrados ali nunca encontrarão a paz. Passam a eternidade condenados.

— Então, por que enterrar um homem doente ali?

— Você quer dizer, por que este homem doente *em particular* foi enterrado ali?

— Se eles o enterraram vivo, ele foi, na verdade, assassinado — comentei. — Ele devia ter sido enterrado como todo mundo, em terra sagrada.

— Não dá para esconder um corpo entre os túmulos comuns. Mas, se enterrá-lo entre os suicidas, ele nunca será encontrado.

Tive um ataque de tosse e virei a cabeça até passar. Depois disse:

— Se Ma soubesse disso, ela teria contado às autoridades. Ela teria feito a coisa certa.

— Talvez as autoridades já saibam e simplesmente não se importem. Um homem doente a menos andando nas ruas pode não ser uma preocupação.

— O que Pa diz de tudo isso? — perguntei.

Matilda cruzou o pequeno quarto até minha cama e se sentou na ponta, o dedo retorcendo os compridos cachos loiros.

— Primeiro ele ficou em silêncio, pensando na história. Então falou: “As coisas estão ainda piores em Dublin”, antes de voltar ao jornal, sem falar mais nenhuma palavra.

— Não acredito nisso; você está só inventando histórias de novo — eu disse, o sorriso afinando meus lábios secos.

— É verdade!

— O que é verdade?

Nós dois nos viramos e descobrimos a babá Ellen parada na porta com uma bandeja nas mãos, com o almoço. Ela entrou no quarto com graça e

habilidade, mais deslizando do que andando pelo chão, com seus passos silenciosos e seguros, e colocou a bandeja em minha mesa de cabeceira.

Os olhos de Matilda encontraram os meus e ela me pediu em silêncio para não dizer uma palavra sobre nossa conversa – não que eu tivesse intenção de fazê-lo.

— Nada, babá.

Os olhos da babá Ellen se estreitaram enquanto ela nos encarava: primeiro a mim, depois Matilda, e a mim mais uma vez. Então ela voltou a atenção para a bandeja e serviu uma xícara de chá quente.

— A conversa dos dois é horrenda. Homens enterrados vivos em túmulos sem placas? *Sério*. Isso não é assunto de adultos e, definitivamente, não é adequado para vocês. E por que você está fora da cama? Vai encontrar a morte se ficar parado perto daquela janela. E depois? Suponho que teremos que cavar um burquinho entre os túmulos dos suicidas e colocar você junto com os outros doentes. — Ela deu uma piscada para Matilda. — Acha que pode encontrar um tempo no seu ocupado dia de fofocas para me mostrar onde encontrar esse lugar e, talvez, pegar uma pá?

Corri de volta para minha cama e entrei embaixo das cobertas.

— Você não faria isso — eu falei.

A babá Ellen tentou manter um rosto sério.

— Eu certamente faria. Já estou de olho nesse seu quarto; o meu está ficando um pouco apertado com o bebê por lá. — Ela pegou o pequeno sino da minha mesa de cabeceira e o tocou. — Não teríamos mais isso aqui, não é? Parece um mundo perfeitamente feliz para mim.

Tentei arrancar o sino dos dedos dela, mas ela provou ser mais rápida do que eu; minha mão só pegou o ar.

— Você sabe que eu não gosto de usar isso; Ma que insiste.

— Então você também não acredita em mim? — Matilda franziu o cenho.

A babá Ellen colocou as duas mãos na cintura e suspirou.

— Eu não acredito nem por um instante que as pessoas de bem da Irlanda ficariam paradas, vendo um homem vivo ser empurrado em um túmulo aberto para ser esquecido. Acho que sua imaginação está pregando peças em você. Tenho certeza de que ouviu alguma coisa, mas não foi isso. Talvez seu tempo seja mais bem gasto na cozinha, ajudando sua mãe com o jantar, em vez de ficar enfiada nos cantos para ouvir conversas que não são feitas para seus jovens ouvidos.

— Tenho certeza de que ela falou exatamente isso — Matilda teimou.

A babá Ellen suspirou e se sentou na beira da cama, ao meu lado, os dedos compridos procurando minha testa. Eu encolhi ao toque dela, sua pele fria como gelo.

— Você está com febre de novo, meu jovem rapaz. — Ela despejou água do jarro na bacia ao lado da minha cama, molhou um pano, torceu-o e colocou-o na minha testa. — Deite-se — ela instruiu.

Fiz o que ela pedia, e então falei:

— Cinzentos.

— O quê?

— Seus olhos... hoje eles estão cinzentos. — E eram um cinza escuro, que me faziam lembrar das grossas nuvens de tempestade que tomaram o céu no porto só dois dias antes. — Ontem eles estavam cor de avelã. E, no dia anterior, estavam azuis. Que cor estarão amanhã?

Ela me olhou com aqueles olhos e colocou o cabelo cacheado atrás da orelha. Na maioria das vezes, ela usava os cabelos presos, mas naquele dia estavam soltos, chegando logo abaixo dos ombros.

Com frequência refleti sobre a beleza de Ellen Crone. Na idade de sete anos, eu não tinha tais pensamentos; mas, quando adulto, eu não podia negar meu fascínio por ela. Sua pele brilhava, sem falhas, como uma camada de neve fresca, sem nenhum defeito ou linha de expressão, nem mesmo ao redor dos olhos ou da boca. Quando ela sorria, a brancura de seus dentes surpreendia. Era normal brincarmos sobre a idade dela – e ela brincava com o restante de nós. Ela se juntou à família em outubro de 1847, poucas semanas antes do meu nascimento – logo depois que a sra. Coghlan teve que partir por problemas de saúde, explicando que a artrite em suas mãos tornava insuportável o ato de cuidar de uma criança. A sra. Coghlan estava com a família durante os nascimentos de Thornley e Matilda, e esperava-se que ficasse mais um ou dois anos, tempo suficiente para Ma encontrar uma substituta. Sua saída precoce veio em um momento difícil; Pa passava a maior parte do tempo no castelo, por conta do início da fome, e Ma estava sem condições de entrevistar substitutas, estando a poucas semanas do meu nascimento. Ellen apareceu como se tivesse sido enviada por Deus – graças ao boca a boca, ela ficara sabendo de um potencial emprego e chegou à nossa porta unicamente com uma pequena mala em sua posse. Na época, ela afirmara ter quinze anos, uma órfã que passara os últimos cinco anos em uma casa, cuidando dos filhos de seus provedores – um garoto e uma garota, de cinco e seis anos, respectivamente –, mas perdera toda essa família

para a cólera no mês anterior. A mãe da casa fora parteira, e Ellen explicou que já a ajudara em dezenas de partos; estava disposta a oferecer seus serviços em troca de hospedagem e um pequeno salário por um curto período de tempo, pelo menos até depois do meu nascimento, para que Ma tivesse tempo de se recuperar. Ma e Pa não tinham outra alternativa disponível, e receberam Ellen Crone em nosso lar, onde ela imediatamente se tornou indispensável.

Meu nascimento, em novembro de 1847, foi difícil. Foi um parto pélvico, o cordão umbilical enrolado no pescoço, pelas mãos do primo do meu pai, um proeminente médico de Dublin, que acreditou que eu estivesse natimorto, já que não emitia sons. Tio Edward Alexander Stoker declarou que nenhum batimento cardíaco era ouvido sob minha pele azul. Mas Ellen insistiu que eu estava vivo, arrancou-me dele e começou a trabalhar, respirando por mim, seus lábios nos meus, por quase três minutos, antes que eu finalmente tossisse e me juntasse ao mundo dos vivos. Ma e Pa ficaram surpresos, e Tio Edward afirmou que aquilo era um tipo de milagre. Mais tarde, Ma me contou que tinha certeza de que eu estava morto no útero, porque eu raramente chutava; como mãe de dois, ela tinha experiência real na qual se basear e tinha isso como certo. Por esse motivo, ela não deixara que Pa escolhesse um nome. Foi só depois que eu estava respirando e comprovadamente vivo que ela concordou em me chamar de Abraham, homônimo do meu pai, e me segurou nos braços pela primeira vez.

Nos últimos anos, Ma me contou que a babá Ellen parecia cansada e abatida naquela noite – como se ela também tivesse dado à luz, e que isso tirara cada gota de sua energia. No instante em que fui colocado em segurança ao lado de Ma, Ellen se retirou para seu quarto e não saiu de lá por quase dois dias, para desespero de Pa, que passava horas à porta tentando convencê-la a sair, já que ele precisava de ajuda tanto com as crianças quanto com Ma. Por dois dias, a babá Ellen não foi vista; por fim, ela saiu no terceiro dia, sem uma palavra sobre o episódio, e simplesmente retomou seus afazeres domésticos. Pa a teria demitido se houvesse uma substituta, mas não havia ninguém.

Naqueles três primeiros dias, minha condição só piorou e Pa temia que eu não sobrevivesse a mais uma noite. Minha respiração vinha entrecortada e ficou sufocada de fluido. Eu ainda precisava chorar, e meus olhos não respondiam a nenhum estímulo ao meu redor. Eu não tinha tomado o peito ainda. Não comeria nada. Ellen levou meu berço até seu quarto e permaneceu comigo todo o tempo, proibindo os demais de me verem

— ela insistia que eu precisava de descanso. Eles obedeceram relutantes e, no quinto dia, por volta das duas da manhã, meu choro tomou a casa pela primeira vez, alto o bastante para acordar Matilda e Thornley, que também começaram a chorar. Pa ajudou Ma a ir até a porta de Ellen, e quando ela a abriu, com minha pequena forma embrulhada em seus braços, todos souberam que o perigo tinha passado e que eu viveria. Ma disse que Ellen parecia muito mais velha do que sua idade naquele momento, pior do que estivera depois do meu nascimento, pior do que jamais aparentara estar desde então. Depois de me entregar para Ma, Ellen Crone desceu as escadas e saiu pela porta da frente, em direção à calada da noite. Ela não voltou por dois dias.

Quando retornou, tinha voltado a ser jovem, as bochechas coradas, os radiantes olhos azuis, e com um sorriso memorável nos lábios. Pa não a repreendeu por partir desta vez, pois minha condição tinha piorado enquanto ela estava fora e, de algum modo, ele sabia que ela me ajudaria como fizera nas duas ocasiões anteriores. Ele recolocou meu berço no quarto dela, e lá ele ficou enquanto Ellen nos trancava em segurança lá dentro. Ela sairia dali com minha saúde melhorando, e a dela diminuindo. Esse padrão se repetiria diversas vezes naqueles primeiros anos — ela me nutria de volta à saúde, então desaparecia por alguns dias, para voltar completamente restabelecida e assumir seus deveres de novo. O que acontecia atrás daquela porta nunca foi revelado, e Ma e Pa nunca perguntavam, mas os olhos dela contavam tudo — eram o azul mais profundo quando sua saúde estava mais forte, e cinza-claros um pouco antes de partir.

Encarei aqueles olhos agora cinzentos, sabendo que ela partiria em breve novamente.

— Talvez você devesse se concentrar na sua própria saúde, e não nesses tons imaginários dos meus olhos, que sem dúvida estão refletindo minha roupa. Quem sabe se eu colocar um vestido vermelho eles ficarão tão vermelhos quanto os do sr. Nesbitt depois de uma noite no pub?

— Você vai partir logo, não vai?

Ao ouvir isso, Matilda se animou.

— Não, babá. Você não pode! Prometeu posar para mim, para que eu possa desenhar seu retrato!

— Mas você já tem dezenas...

— Você prometeu. — Ela se amou.

Ellen foi até ela e passou um dedo por seu rosto.

— Voltarei em um ou dois dias, no máximo. Eu não volto sempre? E então vou posar para você para mais um retrato. Enquanto eu estiver fora, preciso que cuide do seu irmão e ajude sua mãe. Ela está bem ocupada agora com o bebê Richard. Acha que pode cuidar da casa na minha ausência?

Matilda assentiu, relutante.

— Ok, então. É melhor eu voltar lá para baixo e começar os preparativos para o jantar. — Ela colocou a mão gelada em minha testa mais uma vez. — Se não melhorar, terei que chamar seu Tio Edward.

Ao ouvir isso, senti um nó no estômago, mas não falei nada.

Matilda viu a babá Ellen sair, depois correu para o meu lado.

— Preciso mostrar uma coisa para você.

— O quê?

Os olhos dela se dirigiram para a porta aberta, depois para seu caderno de desenhos, que ela deixara na cômoda quando entrou no quarto pela primeira vez. Cruzando o aposento, ela fechou a porta, segurando a maçaneta para garantir que as correntes de ar da casa não a batessem com força. Depois pegou o caderno e voltou para a cama.

— Você me considera uma boa artista?

— Você sabe que sim. — Isso não era nenhum exagero. Desde que tinha três ou quatro anos, era óbvio que ela tinha uma habilidade incomum a crianças da sua idade. Em anos recentes, seus desenhos e pinturas se mostraram páreos para os trabalhos de muitos adultos já com reconhecimento. Para comprovar, Ma pedira para um amigo mostrar uma das pinturas de Matilda a um rico amante da arte em Dublin. Ela não falou para o amigo que era o produto de uma criança; simplesmente dissera que a pintura era uma posse valiosa da família que gostaria de avaliar. O homem oferecera dez xelins pelo quadro, mas Ma não aceitou, dizendo que a pintura era querida demais, uma da qual não poderiam se separar.

Logo depois, Matilda foi aceita em uma escola de arte em Dublin.

Eu podia dizer pela expressão dela, no entanto, que ela precisava de mais elogios.

— Você é uma ótima artista. De verdade!

Matilda estreitou os olhos, depois deu umas palmadinhas em seu caderno de desenhos.

— O que vou lhe mostrar deve permanecer entre nós dois. Você precisa me prometer que não vai falar sobre isso com mais ninguém.

Antes que eu pudesse responder, fui tomado por um acesso de tosse que ardia em meu peito a cada arfada. Matilda rapidamente me serviu um copo de água e o colocou entre meus lábios. Eu bebi ansioso, o líquido frio extinguindo a ardência na garganta. Quando o acesso por fim passou, eu simplesmente disse que sentia muito. Matilda ignorou, que era o jeito de ela lidar com o fato de eu estar doente. Não me lembro de uma única vez em que ela tenha reconhecido minha enfermidade. Mais uma vez ela bateu no caderno, desta vez com impaciência.

— Promete?

Eu assenti.

— Não contarei nada nem morto.

Aparentemente isso foi o bastante, já que ela abriu a capa do caderno e folheou várias páginas antes de escolher uma em particular. Ela segurou a pintura para mim.

— Quem é?

— William Cyr. — Era o fazendeiro do outro lado da colina em Puckstown, e o desenho o mostrava cuidando da plantação.

Ela virou para a página seguinte.

— E este?

— Com certeza esse é Robert Pugsley — respondi. Ele estava no alto de sua carroça de açougueiro.

— E quanto a esta?

— Ma.

— E este?

— Thornley cuidando das galinhas.

— Esta?

Analisei a imagem por um momento: uma mulher de dezessete ou dezoito anos, mas ninguém que eu conhecesse.

— Acho que não a conheço.

Matilda me encarou por um segundo, então virou para a página seguinte.

— E quanto a ela?

Outra garota, um pouco mais velha do que a última. Parecia vagamente familiar, mas eu não consegui reconhecer o rosto. Neguei com a cabeça.

Matilda me mostrou desenhos de mais três outras mulheres, a mais velha não tinha mais que vinte anos. Esta última fora pintada com aquarela; a imagem era vibrante, um ser vivo capturado com tantos detalhes que parecia que, se estendesse a mão, eu seria capaz de sentir o calor de sua pele.

Não reconheci aquelas mulheres, o que era estranho; eu conhecia a maioria dos moradores das proximidades de casa, e Matilda não tinha permissão para se aventurar muito longe da nossa porta, a menos que estivesse na companhia de um adulto.

— Você não conhece nenhuma dessas mulheres?

Revi cada uma das imagens, levando um tempo para analisar cada uma delas mais de perto. Não conseguia colocar um nome em seus rostos.

— Não. Você as conheceu no mercado ou na cidade, com Ma, em algum lugar sem mim?

Matilda negou lentamente com a cabeça. Ela se inclinou, para ficar mais perto, e sussurrou no meu ouvido.

— São todos desenhos da babá Ellen.

Eu franzi o cenho e voltei ao caderno.

— Mas elas parecem... elas não se parecem em nada com ela.

— Elas não se parecem em nada com ela e, mesmo assim, elas parecem exatamente com ela. Eu poderia lhe mostrar dúzias de outros desenhos, mas nenhum deles seria familiar para você.

— Não entendo.

— Eu muito menos. — Ela abaixou a voz de novo. — Parece que cada vez que eu desenho a babá Ellen, a imagem resultante não se parece em nada com ela. Não consigo capturá-la, não importa o quanto tente; a imagem dela me escapa.

Eu não sabia o que dizer daquilo, então mudei de assunto.

— O que mais você descobriu de Thornley?

Como eu raramente saía do meu quarto, dependia de Matilda para as fofocas familiares e era raro que ela me desapontasse. Embora a babá Ellen fosse o foco de suas investigações, meu irmão ficava em segundo lugar, e com frequência Matilda podia ser encontrada espreitando-o às sombras.

— Ah, Thornley. — Matilda virou a página do caderno para uma cheia de texto. — Noite passada, eu o vi sair do quarto da babá Ellen perto das duas da manhã.

— Por que ele estaria no quarto dela?

Matilda deu um tapinha no caderno.

— Isso não é tudo. Ele estava todo vestido e, depois que saiu do quarto dela, não voltou para o quarto dele. Ele foi lá fora.

— No meio da noite?

— No meio da noite.

— O que ele fazia lá fora?

Matilda franziu o cenho.

— Não sei. Eu o perdi de vista perto do celeiro. Mas ele ficou fora quase vinte minutos, e, quando voltou, estava imundo.

— Ele viu você?

— Claro que ele não me viu.

— Então essa foi o quê, a terceira vez?

Ela negou com a cabeça.

— É a quarta vez, na quarta semana, que ele faz isso. Se fizer de novo, planejo segui-lo.

— Você devia contar para a Ma.

Ela não contaria. Eu sabia que ela não contaria. O jeito como fechou o caderno de desenho e saiu do meu quarto de mau humor deixou isso claro para mim.

Minha febre piorou. Na nona hora daquela noite, meu corpo gritava de dor e meus lençóis estavam encharcados de suor. Ma sentou-se ao meu lado, com uma bacia de água no colo e um pano úmido para secar o brilho da minha testa. Em determinado ponto, eu lutei contra ela. Estava com tanto frio, e o pano parecia gelo contra minha pele. Meus braços se agitavam, prontos para bater nela. Foi então que Thornley e Pa entraram no quarto, segurando-me, prendendo meus braços e pernas. Meus gemidos ecoavam pela casa, sons guturais que eram mais de um animal ferido do que de uma criança.

No final do corredor, eu ouvia o bebê Richard chorando no quarto da babá Ellen, e Ma pediu para Matilda ir vê-lo. Lembro de ela reclamar, embora eu não tenha entendido o que disse. Ela não queria sair do meu lado, mas Ma insistiu. Matilda não tinha permissão para trazer o bebê até meu quarto, por medo de que ele pegasse o que quer que me afligia. Acho que todos sabíamos que isso era ilógico – minha doença persistia havia anos, e ninguém mais na família contraiu nada –, mesmo assim, todos pareciam concordar que era melhor não arriscar contagiar o bebê.

Matilda saiu correndo do meu quarto, e eu ouvi Pa amaldiçoar a babá Ellen por ter partido horas antes. Eles dependiam dela, e ela era mais necessária agora do que nunca. Mesmo assim, ela se fora, partindo por motivos conhecidos apenas por ela mesma. Em minha mente febril, os esboços que Matilda me mostrara resplandeciam: dúzias de mulheres mesclando-se em uma, parecendo a babá Ellen por uma fração de segundos, antes de se separarem em desenhos de desconhecidas, mulheres de várias idades e aparências, todas diferentes, todas a mesma. Seus olhos iam do preto e branco de

um esboço a lápis até o mais vibrante azul encontrado apenas nos retratos a óleo, olhando para mim através de um véu de escuridão rodopiante. Eu podia ouvir a voz da babá, mas ela parecia muito distante, como se gritasse do outro lado do porto e o nevoeiro devorasse seu clamor. Então o rosto dela estava a poucos centímetros do meu, seus lábios vermelhos e cheios se movendo para falar, mas sem emitir som. No momento seguinte, Ma estava de volta, secando tudo com aquele pano gelado, e eu queria afastá-la, mas meus braços já não obedeciam. Tudo ficou negro, e eu sentia como se estivesse caindo em um poço, o mundo desaparecendo sobre mim enquanto eu era engolido pela terra, minhas costas ardendo enquanto eu corria na direção do inferno. Ouvi Ma chamar meu nome, mas eu estava tão longe que sabia que seria repreendido se ela soubesse que eu tinha saído de casa, então não falei nada; só fechei os olhos e esperei pelo impacto enquanto caía pelo abismo. Imaginei que era como ser empurrado para um túmulo de suicida. Esperei pela terra sufocante, pronto para morrer sob uma camada de sujeira, deixado aos vermes ansiosos e às larvas da terra.

— Bram!

Ma gritava do alto do buraco, mas eu continuei em silêncio. Foi só na terceira vez que tentei responder, mas minha voz falhou. O peso de tanta terra sobre meu peito expeliu o pouco ar que consegui reunir, e só um grunhido baixo escapou dos meus lábios secos e rachados. Ao meu redor, mais terra caía em pedaços gigantes, maltratando meu corpo frágil. Uma multidão se reunia no alto do buraco; embora eu não conseguisse ver ninguém, eu podia ouvi-los – gritando e berrando, chorando, e até tagarelando. Primeiro duas vozes, depois quatro, e então mais uma dúzia. Eu não conseguia acompanhar, pois estavam ao mesmo tempo em toda parte e em lugar algum, terrivelmente barulhentos, mesmo assim invisíveis para mim.

Então achei alguém.

Achei os olhos de Ma, vermelhos e nublados. Ela segurava o pano úmido a centímetros do meu rosto e ficou paralisada quando meus olhos se abriram e a encontraram. Eu estava de volta ao meu pequeno quarto no sótão, de volta à minha cama, perguntando-me se realmente tinha saído dali.

— Ele está acordado — ela sussurrou para alguém do outro lado do quarto.

Tentei virar para o lado, mas meu pescoço doía; fiquei com medo de que o movimento separasse a cabeça do corpo. Era como se uma dúzia de lâminas feitas de gelo fossem pressionadas contra minha pele.

— Frio...

— Psiu... não fale — Ma pediu. — Seu Tio Edward está aqui; ele vai te ajudar.

O rosto de Edward apareceu sobre mim, o cabelo grisalho, fino e despen-teado, caindo sobre os óculos redondos. Ele pegou o estetoscópio que tinha ao redor do pescoço, inseriu os auriculares no ouvido e pressionou a campâ-nula de metal em meu peito – o que também era gelo contra minha pele nua, e eu tentei afastá-lo, mas Pa e Thornley me impediram com rapidez.

— Fique quieto — Tio Edward ordenou, o rosto crispado em uma careta. Ele ouviu por um momento, antes de se voltar para Ma. — Os bati-mentos cardíacos dele estão muito erráticos e a febre aumentou a ponto de causar alucinação. Sem tratamento, a febre pode resultar em danos perma-nentes... deficiência auditiva, perda da visão, talvez até morte.

Ouvi tudo isso como um observador, incapaz de interagir. Vi Ma trocar um olhar preocupado com Pa, enquanto Thornley apenas me olhava.

— O que você sugere? — Ma perguntou para Tio Edward. A voz dela, em geral calma e confiante, agora vacilava.

Os olhos de Tio Edward encontraram-se rapidamente com os meus, e então retornaram para Ma.

— Temos que reduzir o sangue contaminado; só então o corpo dele vai encontrar forças para lutar contra a infecção e começar a se curar.

Ma negava com a cabeça.

— Da última vez, isso só piorou a condição dele.

— A sangria é o único tratamento indicado para esses casos.

Tentei me libertar das mãos que me seguravam, e quase consegui, pois estavam distraídos com a discussão e tinham diminuído o aperto, exceto Thornley, que segurou meu braço com tanta força ao notar minha tentativa que achei que seus dedos fossem romper minha pele. Ele franziu o cenho para mim enquanto murmurava:

— Não.

A escuridão escorregou de novo sobre mim como um manto, e lutei para manter a consciência. Eles continuavam a conversar, mas as palavras se tornaram desconhecidas para mim, um idioma que eu não falava. Então meu corpo começou a tremer com um frio tão grande que eu parecia ter mergulhado em um lago congelado. De canto de olho, vi Pa acenar com a cabeça.

Tio Edward tirou os óculos, limpou-os na camisa e recolocou-os na ponta do nariz. Abriu sua mala, uma bolsa do melhor couro marrom inglês,

e removeu um pequeno recipiente branco com minúsculos furos em cima. A tampa de borracha estalou quando foi aberta, e então ele pegou uma pinça na bolsa.

Tentei me contorcer de novo, mas toda a força me abandonara. Observei enquanto ele colocava a pinça no recipiente e tirava uma grande sanguessuga, de quase oito centímetros de comprimento. Ela se balançava de forma grotesca na ponta da pinça, seu corpo se retorcendo de um lado e do outro, enquanto Tio Edward abaixava cuidadosamente a criatura na direção do meu pé.

Um pouco antes de a sanguessuga desaparecer da minha vista, espiei as mandíbulas do verme ansioso que abriam e fechavam com apetite conforme se aproximavam da minha carne. Ma desviou o olhar, fechando os olhos com força, e Pa, embora tivesse empalidecido, observava enquanto Tio Edward colocava a sanguessuga no meu pé. Eu estava gelado, mas a sanguessuga era mais gelada ainda, quase tão fria quanto o estetoscópio de Tio Edward. Imaginei a minúscula boca da invasora alimentando-se de minha carne, as fileiras de dentinhos afiados roendo, penetrando fundo, enquanto começava a sugar meu sangue. Eu a vi ficar mais redonda, como se inchasse com minha essência. Eu tentava bloquear o espetáculo pútrido da minha mente quando vi a pinça de Tio Edward com outra sanguessuga, esta colocada em meu ombro, depois outra e mais outra ainda.

Fechei os olhos na esperança de encontrar o abraço solene do sono.

Vozes gritavam ao meu redor. Eu podia ouvir Ma e Pa, Matilda e Thornley, e até o Tio Edward. Tentei entender as palavras, forçando meus ouvidos a se concentrarem em uma ou outra voz em particular, mas nada fazia sentido. Quando tentei abrir os olhos, observei apenas o espesso negrume do nada, tão profundo e proibitivo quanto os pântanos atrás de nossa casa. Descobri que me afogava nele.

Pelo mais breve dos segundos, vi Matilda parada ao meu lado, o rosto inchado e brilhante. Ela me viu no mesmo instante, pois seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu tempo suficiente para dizer meu nome, gritando alto o bastante para chamar a atenção dos outros no quarto; eles olharam primeiro para ela, depois para mim. Vi Ma correr do canto extremo do quarto até minha cama e Pa se reclinando sobre mim, em um lado, e Tio Edward se reclinando do outro. Tio Edward agitava um comprido termômetro de metal e gritou algo para Thornley, mas tudo o que foi dito depois que Matilda gritou meu nome se transformou em um idioma perdido.

Tentei fixar meu olhar nos olhos de Matilda, reter a expressão dela como se apertasse seus dedos entre os meus, mas seu rosto doce desapareceu. Nada permaneceu além de uma sombra e, depois, apenas o nada.

— Todo mundo para fora!

Ouvi as palavras, mas elas vieram de muito longe, quase inaudíveis na cacofonia. Havia tanto tumulto ao meu redor que eu acreditei estar ouvindo todos os sons da criação de uma única vez; cada assobio, enunciado e grito no universo conhecido em uníssono, cada explosão subsequente mais alta do que a anterior. Tão alto que causava uma dor assombrosa, lâminas dolorosas esfaqueando meus ouvidos – e se eu tentasse entender o que ouvia, sabia que isso me deixaria louco.

— Quero este quarto vazio agora!

Era a babá Ellen. De algum modo, eu sabia que era ela, mesmo que a voz não fosse a dela, mas um gemido, um grito de alma penada em uma noite de tempestade.

Naquele ponto, devo ter sucumbido à escuridão, pois um instante depois me encontrei sozinho. Ma e Pa tinham desaparecido, assim como Matilda, Thornley e Tio Edward. Se a babá Ellen estava ali, eu não a vi; na verdade, não conseguia ver muita coisa. Tudo o que eu enxergava eram pequenos picos de luz na escuridão que agora desaparecia. Pela primeira vez, percebi um cheiro, um odor de mofo como uma adega no fim do inverno, quando só restam as cascas apodrecidas das colheitas do verão, esbranquiçadas de mofo e tomadas pelos habitantes insidiosos da terra úmida.

— Babá Ellen? — Eu sussurrei o nome dela. Minha garganta estava tão machucada que, em seguida, tive de respirar aos poucos, meus olhos lacrimejavam pelo esforço.

A babá Ellen não respondeu. Mesmo assim, de algum modo, eu sabia que ela estava no quarto comigo. Eu sentia sua presença na escuridão mofada. Chamei seu nome de novo, desta vez mais alto do que da primeira, preparando-me para a inevitável queimação na garganta que vinha com as palavras.

Mais uma vez, ela não respondeu.

Eu estava com frio e comecei a tremer, apesar dos cobertores grossos empilhados ao meu redor. Pa instalara uma pequena lareira no canto do meu quarto para proporcionar calor, e o fogo ardia alegremente enquanto os outros estavam ali. Mas agora a lareira estava apagada, as toras de madeira pálidas com a poeira e as cinzas, como se semanas tivessem se passado desde que a última fogueira adornara o ferro.

Algo se agitou atrás de mim, à esquerda, e me virei desajeitado a fim de conseguir ver o que era. Meu pescoço doía com o esforço, e eu tentei ignorar o incômodo, apertando os olhos contra a dor. Se, de fato, era a babá Ellen, ela se moveu rápido demais para que eu pudesse vê-la mesmo de relance, pois quando meus olhos encontraram o lugar onde achei que ela estivesse, não havia nada ali além do canto do meu guarda-roupa e o espectro de um casaco pendurado em um gancho na parede. A roupa balançava de leve, fato que não deixei de notar. Minhas janelas estavam bem fechadas, então não era possível dizer que fora o vento; alguma outra coisa fizera o casaco se mexer.

— Por que está se escondendo, babá Ellen? Está me assustando. — No instante em que falei aquilo, arrependi-me. Pa me repreendia quando eu demonstrava sinal de medo, pior ainda anunciá-lo, mas as palavras saíram antes que eu percebesse que devia sufocá-las.

Como não houve resposta, fiquei quieto, controlando os tremores em meu corpo tempo o bastante para respirar, e prestei atenção no quarto ao meu redor. Quando inspirei, ouvi mais alguém fazer o mesmo; desta vez, o som emanava da minha direita, perto da porta. Girei minha cabeça pesada naquela direção, mas, mesmo assim, não vi nada; a mais fraca das luzes vinha do corredor por debaixo da porta, mas parecia morrer no limiar, como se mantida a distância pela escuridão muito mais forte que vivia do lado de dentro. Soltei o ar dos meus pulmões, e novamente um som similar cruzou o quarto, o som de alguém respirando em sincronia comigo. No instante em que segurei a respiração, minha companhia não convidada fez o mesmo, como se participasse de um inquietante jogo de mímica.

Eu me virei para a porta do quarto, para a lasca de luz que incomodava a escuridão na parte debaixo. Achei ter visto sombras se moverem naquela luz. Imaginei Matilda com a orelha colada na porta, esforçando-se para escutar, os pés se arrastando de um lado para o outro enquanto não ouvia nada, então fechando os olhos e esperando que a perda de um sentido fortalecesse o outro.

Captei movimento à minha esquerda e forcei a cabeça a virar na direção da pequena lareira. Desta vez, vi a babá Ellen; ela estava inclinada sobre o fogo, mexendo nas toras com a haste de ferro. A madeira estalou ao seu toque, e, por um momento, notei o sinal de uma única brasa cor de laranja. Em vez de colocar gravetos para persuadir as chamas, ela remexeu no pequeno ponto de calor e dispersou os fragmentos brilhantes de madeira até que não sobrou nenhum.

— Estou com frio, babá Ellen. Por que está apagando o fogo? — O ar das minhas palavras pairou sobre mim, uma bruma branca assustadora.

A babá Ellen ergueu os olhos pelo mais breve dos segundos, e então sumiu. Eu não tinha certeza se era uma peça que as sombras travessas pregavam em mim ou se eu tinha apagado de novo, mas naquele instante ela pareceu sumir de vista. Mas eu consegui um vislumbre de seus olhos, antes que ela desaparecesse, e eles reluziam com o azul mais brilhante. Achei estranho que eu pudesse ver os olhos dela com tão pouca luz no quarto, mas não tive dificuldade em enxergá-los, e havia uma parte de mim que achava que ela queria que eu os visse. Juntamente com seus olhos, notei um sorriso em seus lábios vermelhos. E houve até uma risada, ainda que breve. O único som.

Quando dedos acariciaram meu rosto, eu quase pulei da cama, e minha cabeça girou para vê-los. A babá Ellen estava sentada na cadeira que Ma ocupava antes, a mão avançando para minha testa. Não senti nenhum calor em seu toque, nada quente. Ela podia muito bem ter me tocado com um graveto ou com a ponta de uma agulha de tricô. Quando ela afastou a mão, esperei vê-la enluvada, mas não era o caso; seus dedos estavam nus. Eu me surpreendi com a aparência deles, a carne suave, nova como a de um bebê, as unhas compridas e mantidas com perfeição. Não eram as mãos de uma trabalhadora, mas de alguém da realeza. Até minhas mãos, na tenra idade de sete anos, já mostravam as marcas do trabalho, e eu era muito mais protegido do que qualquer outra criança da minha idade. Eu tinha uma pequena cicatriz na mão esquerda, logo abaixo do indicador, que nunca curara de maneira adequada. Eu ficara preso na ponta afiada de uma janela no andar de baixo, quando ainda era bem pequeno. O metal grosseiro fizera um corte na minha pele, fazendo jorrar sangue. Eu nem chorei quando aconteceu; Ma se surpreendeu com isso, elogiando minha coragem diante de tal ferimento. Ela fez um curativo do melhor jeito que pôde, mas o ferimento fora profundo e provavelmente teria ficado melhor com alguns pontos. Eu só compartilhei essa história porque as mãos da babá Ellen não tinham cicatrizes assim, causadas pelos cortes e raspões do cotidiano.

A babá Ellen percebeu que eu olhava para suas mãos e as tirou de vista, afastando o cabelo dos meus olhos.

— Você piorou substancialmente; ficou delirante, tomado pela febre. Dói?

Tentei acenar com a cabeça, mas a capacidade de me mexer me abandonara novamente. Manter os olhos abertos era doloroso, mas fiz isso mesmo assim, incapaz de afastar o olhar dela.

— Deve doer.

Achei que ela falava da febre, mas então percebi que ela olhava para o meu braço. Com toda a força, levantei-o. Vi três sanguessugas embaixo do meu cotovelo e, pelo menos, mais duas em cima. Estavam inchadas pelo banquete medonho. A maior, que estava perto do meu pulso, parecia prestes a explodir. Seu corpo oleoso se mexia, sugando minha pele com ferocidade. Não havia menos do que seis no meu outro braço, e eu sabia que Tio Edward tinha colocado mais nas minhas pernas e pés.

Lágrimas começaram a encher meus olhos, e a babá Ellen as secou com uma ponta de dedo fria. Então eu vi quando ela levou o dedo até os lábios e provou a gota salgada. Sem dizer nada, ela abaixou esse mesmo dedo até as costas da sanguessuga gorda em meu pulso e a apertou. A pequena criatura estremeceu, então desabou por sobre si mesma, transformando-se de gorda e reluzente a pó seco bem diante dos meus olhos. Então ela sumiu, deixando para trás uma mancha na minha pele e o pequeno buraco redondo por onde se alimentava. O dedo da babá Ellen estava vermelho de sangue; meu sangue.

— Você confia em mim? — ela perguntou.

Obriguei-me a assentir, incapaz de falar.

— Não deveria — ela respondeu.

minotauro